

4. A EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *EVANGELII NUNTIANDI* DO PAPA PAULO VI.

INTRODUÇÃO

Fruto da Assembléia Sinodal dos Bispos em 1974, a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* não foi apenas uma avaliação final do Sínodo, que coube ao Papa Paulo VI relatar, mas também uma atitude inteligente tomada por um espírito de fidelidade e de serviço pela causa do Reino de Deus. Aproveitando-se do pouco ânimo e energia frente ao medo e à angústia, resultado do confronto entre a Igreja e o Mundo Moderno, soube orientar todo o empenho pastoral, metodológico e humano da Igreja, numa evangelização que adentrasse todos os ambientes e situações que envolvem o homem no Mundo Contemporâneo, na esperança de superação de todo tipo de impedimentos que viessem a se antepor no anúncio e na ação evangelizadora da Igreja. Conforme o próprio Jesus, que dedicou gratuitamente toda a sua vida para que o Reino de Deus viesse a ser conhecido e estabelecido, essa Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* torna clara a ação perene e missionária da Igreja e de todos os cristãos.

Ao tratarmos, neste capítulo, dos antecedentes históricos da *Evangelii Nuntiandi*, que conduziram à proclamação desta importante Exortação Apostólica, estaremos apontando o processo interno que resultou ao desejo de retratar a dimensão escatológica da evangelização, ao considerar que este documento foi resposta ao anseio dos padres conciliares e, posteriormente, do Sínodo sobre a evangelização. E é isso que se dá, claramente, aqui, com este documento, num objetivo de convocar todos os cristãos ao compromisso de solidariedade com o plano de vida e salvação revelado na missão de Jesus de Nazaré. Desse modo, revendo métodos e meios, buscou-se possibilitar chegar ao homem contemporâneo a mensagem desse plano salvífico de Deus.

O capítulo de então tratará de nos apontar o momento histórico, o conteúdo, e a recepção da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, analisando sua recepção como um dom acolhido e difundido, e uma passagem decisiva para a história da Igreja, sobretudo na América Latina.

4.1 – A *Evangelii Nuntiandi* e seus antecedentes históricos.

Depois de um olhar sobre o contexto que eclodiu nos tempos Pré e Pós-Conciliar, voltamos nossa atenção àquela realidade mais próxima e própria da Exortação Sobre a Evangelização, que perpassa o tempo de preparação e a realização do Sínodo dos Bispos (1974), até a publicação da mesma Exortação Pós-Sinodal. Faremos isso no intuito de melhor esclarecer a razão da importância desta Exortação para a Evangelização.

A Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, do Papa Paulo VI, é, sem dúvida alguma, um serviço prestado à comunidade dos cristãos, bem como a toda a humanidade.

Afinal, trata-se de uma Exortação sobre o empenho em anunciar o Evangelho aos homens de nosso tempo, na esperança da superação das situações de medo e de angústia nestes tempos modernos, marcados não só pela secularização da realidade presente, mas também pela descrença de uma realidade futura de realização plena.

A Exortação, na década de 70, teve como objetivo atualizar a evangelização no Mundo Contemporâneo; e convoca todos os cristãos ao compromisso de solidariedade com o plano de vida e salvação revelado na missão de Jesus, bem como a rever os métodos e meios que possibilitem chegar ao homem moderno a mensagem do Plano Salvífico de Deus.¹

Para tanto, “a evangelização é a impostação teológica, como missão perene da Igreja”, como afirma Giampaolo Salvini,² a qual se encontra no teor da Exortação Apostólica. Nela, a Igreja é interpelada a evangelizar a si mesma³, para

¹ Cf. EN, 2. Os bispos, como defensores da doutrina e primeiros evangelizadores, dispuseram-se a refletir acerca de como evangelizar, ou melhor, comunicar a Boa Nova, o mistério de Deus aos homens e às mulheres do mundo contemporâneo.

² Cf. SALVINI, Giampaolo. “A Veinticinque anni dall’*Evangelii Nuntiandi*”. In: *Revista La Civiltà Cattolica*, nº. 4, 2000, pp. 350-362. No ano 2000 a *Evangelii Nuntiandi* completou 25 anos de sua publicação; coincidindo também com o grande jubileu em comemoração aos dois mil anos do Cristianismo. O autor é escritor e Pe. Jesuíta, diretor responsável da revista *La Civiltà Cattolica*. revista dos jesuítas de Roma.

³ O Papa Paulo VI, em pleno Concílio Vaticano II, 1964, animava os bispos na condição de a Igreja tomar consciência da necessidade de “refletir, primeiramente; sobre si mesma, para compreender os desígnios divinos a seu respeito, para encontrar maior luz, nova força e maior alegria no cumprimento da própria missão, e para escolher o melhor modo de estreitar, ativar e melhorar os seus contatos com a humanidade a que pertence”. Cf. PAULO VI. Documentos do Papa Paulo VI, Carta Encíclica *Ecclesiam Suam*, São Paulo, 1997, nn. 7. 10. 11, e ss.

irradiar o mundo com a beleza do Evangelho. Trata-se, portanto, “de um sincero e eficaz anúncio da pessoa de Jesus Cristo Evangelizador por excelência”.⁴

Portanto, há pouco mais de três décadas passadas, o Papa Paulo VI publicava a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. Isso se deu no dia 08 de dezembro, na solenidade da Imaculada Conceição da Beata Virgem Maria. Usando as palavras dele, “concepção do ano Santo de 1975”.⁵

Quisemo-nos, dar-vos no final de um ano santo – escreve na conclusão da Exortação Apostólica - o que nos permitiu aperceber-nos, mais do que nunca, das necessidades e dos apelos de uma multidão de irmãos, cristãos e não cristãos que esperam da Igreja a Palavra da salvação. Possam as luzes do Ano Santo que se acenderam nas Igrejas particulares e em Roma para milhões de consciências reconciliadas com Deus; possam continuar a irradiar o jubileu, através de um programa de ação pastoral, de que a evangelização é o aspecto fundamental, para estes anos que assinalam a vigília de um novo século e a vigília também do terceiro milênio de cristianismo.⁶

O Papa nos leva a perceber que a *Evangelii Nuntiandi*, antes de ser mais um documento do Magistério da Igreja, tratou de nos apresentar a evangelização como um processo integral e global, o qual deverá, desde já, na vida de cada um dos católicos, despertar o sentimento de corresponsabilidade e consciência pessoal perante as necessidades do nosso tempo. O Papa nos faz notar os problemas, as polêmicas, as hostilidades, as possíveis catástrofes de uma sociedade sem Deus.

A Exortação, intitulada “*Evangelii Nuntiandi*”, já em seu fim, adota um tom apostólico, como lhe é próprio pelo nome – “evangelizar” –, tendo em conta “as necessidade e os apelos de uma multidão de irmãos cristãos e não cristãos que esperam da Igreja a Palavra da Salvação”. Entretanto, a mesma Exortação que está aqui no final nos faz ver, em seu teor convocatório, a necessidade de sua retomada, como começo. A Exortação é, acima de tudo, um exercício de “Contemplação na Ação”. Por isso, é ressaltada pelo Papa a convocação para

⁴ Cf. VIEIRA, Maria de Sampaio. “A Missionariedade da Igreja Particular à Luz do Magistério Recente”. In: *Pontificia Università Gregoriana*, Roma, 2003, p. 84.

⁵ Em 1975, sendo tema do Ano Santo: Sobre a Reconciliação – o que se manifesta em uma importante Exortação Apostólica: *A Reconciliação dentro da Igreja* – o Papa Paulo VI proclama, no jubileu desse ano, que o revigorar da Igreja nos caminhos da renovação e a reconciliação entre todos os cristãos são uns dos objetivos centrais do Ano Santo. Disponível em: <<http://mafaoli.blogspot.com/2008/07/os-anos-santos-na-vida-da-igreja.html>> Acessado em 10 de julho de 2008.

⁶ EN, n. 81.

estarmos atentos aos acontecimentos que se orientam para a programação futura do grande “Jubileu do Ano 2000”.

O Cardeal Bernardin Gantin, por ocasião das comemorações dos Vinte Anos da Exortação, dizia:

São palavras proféticas que parecem escritas hoje. Há vinte anos a Igreja universal com seus Pastores tem feito da evangelização o tema dominante de seu anúncio, de sua proposta e de seu fim eclesial imediato e futuro. Paulo VI aguardava com inteligente paixão ao término deste século, para o Jubileu de 2000. Para o Terceiro Milênio do Cristianismo. Palavras estas que se tornaram hoje familiares, mas que ele deixou um ao outro, em herança, programar o futuro da Igreja de 2000.⁷

Fica evidente que o Sumo Pontífice tinha em mente uma linha de continuidade que seria assumida por seus sucessores, no processo da nova evangelização.

No dia 22 de junho de 1973, num discurso ao Sacro Colégio dos Cardeais,⁸ o Papa Paulo VI ressalta essa familiaridade com o tema da Evangelização e sua necessidade para aqueles dias e os futuros. Ele recorda essas questões no preâmbulo de sua Exortação⁹, invocando o caminho para a solução, que não é imediata, mas que viria ao longo de uma programação que eclodiria no Jubileu do Ano 2000.

4.1.1 - *Evangelii Nuntiandi*: Motivos históricos de sua publicação.

Na introdução à *Evangelii Nuntiandi*,¹⁰ o próprio Papa Paulo VI sublinha os motivos históricos – próximos e remotos – da nova Exortação Apostólica, os quais são:

- a. O término do Ano Santo, "no decorrer do qual a Igreja procurou infatigavelmente anunciar o Evangelho a todos os homens"¹¹, num

⁷ O Cardeal Bernardin Gantin, do Vaticano, era, nesse período, presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina e, aqui, foi presidente do I Colóquio Internacional de estudos do Instituto Paulo VI de Brescia, em 1998. Cf. GANTIN, Bernardin. “L’Esortazione Apostólica di Paolo VI *Evangelii Nuntiandi*”. In. *Colloquio Internazionale di Studio sobre L’Esortazione Apostólica di Paolo VI “Evangelii nuntiandi: Storia, Contenuti, Ricezione*. Brescia, 1998, p. 6.

⁸ Cf. PAULO VI. “Discurso por ocasião do encerramento da III Assembléia Geral do Sínodo dos Bispos” (26 de Outubro de 1974); In: *Ata Apostólica Sedes* (A.A.S), Roma, 1974, pp. 634-635. 637.

⁹ Cf. EN, 3. Aí são apontadas pelo pontífice as condições que obrigava rever os métodos e todos os meios para atingir o homem moderno com a mensagem cristã, de forma a solidarizar-se na busca de soluções para seus problemas mais gritantes.

¹⁰ Cf. EN, 2.

exercício de seu ofício de mensageira da Boa Nova de Jesus Cristo, proclamada em virtude de dois conselhos fundamentais: “Revesti-vos do homem novo”¹² e “Reconciliai-vos com Deus.”¹³

- b. O Concílio Vaticano II, a dez anos de sua conclusão, "cujos objetivos se resumem, em última análise, numa só intenção: tornar a igreja do século XX ainda mais apta para anunciar o Evangelho à humanidade do mesmo século XX".
- c. Um ano da 3ª. Assembléia Geral do Sínodo dos Bispos, celebrado de 27 de setembro a 26 de outubro de 1974.¹⁴

Ao término daquela reunião memorável, ao referir o Sínodo dos Bispos, o Papa Paulo VI escreve aos padres sinodais:

Decidiram pôr novamente ao Pastor da Igreja universal, com grande confiança e simplicidade, o fruto de todo seu labor, declarando que esperavam do Papa um novo impulso capaz de suscitar, numa Igreja ainda mais arraigada na força e no poder perene de Pentecostes, tempos novos de evangelização (EN, 2).¹⁵

O Papa João Paulo II, participante ativo do Sínodo dos Bispos de 74, destaca, em sua Exortação para a Catequese (*Catechesi Tradendae*), essa memória ressaltada pelo Cardeal Gantin, reforçando a confiança depositada no pontífice em universalizar para todo o povo de Deus as importantes conclusões refletidas naquela Assembléia Episcopal.

No número terceiro (CT, 3), destaca João Paulo II que, ao terminar o Sínodo, os Padres remeteram ao Papa uma documentação muito rica, a que compreendia “as diversas intervenções feitas no decorrer da Assembleia; as conclusões dos grupos de trabalho; a Mensagem que eles tinham enviado ao Povo

¹¹ Cf. AG, 1.

¹² Cf.. Ef. 4,24; 2,15; Col. 3,10; Gal. 3,27; Rom 13,14; 2Cor 5,17.

¹³ 2Cor 5,20.

¹⁴ Cf. GANTIN, Bernardin. “L’Esortazione Apostólica di Paolo VI *Evangelii Nuntiandi*”, op. cit., 1998, p. 7.

¹⁵ Cf. PAULO VI, “Discurso por ocasião do encerramento da III Assembléia Geral do Sínodo dos Bispos” (26 de outubro de 1974): A.A.S., Roma, 1974, pp. 634-635, 637.

de Deus. Esse Sínodo trabalhou numa atmosfera excepcional de ação de graças e de esperança”.¹⁶

Basta folhear o copioso volume de 1084 páginas do livro do padre jesuíta Giovanni Caprile¹⁷ para não só entender o curso histórico desse Sínodo, mas também juntar as várias etapas iniciais, rubricas históricas e consequentes à celebração do evento.

Houve um antes, um durante, e um após sinodal, como apontou o Cardeal Gantin, o qual “preserva o frescor não só de um pouco de informação, mas também das intervenções e das conclusões de um acento histórico.”¹⁸

4.1.2 – Atos que antecederam e prepararam o Sínodo de 1974

Para melhor compreensão do Sínodo¹⁹ de 1974, orientar-nos-emos de sua preparação após a primeira reunião.²⁰ Para tanto, partiremos de um resumo da reunião que novamente reuniu os bispos convocados para sua preparação:

De 24 para 27 de outubro de 1972, aconteceu no Vaticano a segunda reunião plenária do Concílio, durante o qual os bispos vieram examinar as propostas ao redor do tema do próximo Sínodo, que seria celebrado em 1974. (...) Em aplicar os critérios externos (número das Conferências episcopais proponentes; ampliação e composição de toda Conferência; conexão direta ou indireta do tema proposto com outros temas sugeridos por outras Conferências) e os critérios internos (prioridade ou oportunidade em propor este ou aquele tema; importância intrínseca do tema sugerido; sua importância para a vida da igreja de hoje; sua relação com os

¹⁶ Cf. JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica “*Catechesi Tradendae*”, nº.3. Vaticano, 1979.

¹⁷ CAPRILE, G. “*Il Sinodo dei Vescovi de 1974*”. Roma, 1975. O autor em questão é padre jesuíta e historiador da Igreja.

¹⁸ Cf. GANTIN, Bernardin. “L’Esortazione Apostólica di Paolo VI *Evangelii Nuntiandi*”, loc. cit., p. 7.

¹⁹ Instituído em 1965 por um “motu próprio” do Papa Paulo VI, o Sínodo dos Bispos reuniu-se pela terceira vez em 1974, após uma preparação que mobilizara toda Igreja, inclusive no Brasil. Muitos se surpreenderam quando Papa Paulo VI decidiu tomar a evangelização do mundo atual como tema do novo sínodo. Na realidade, em todas as consultas feitas desde a conclusão do sínodo anterior, as preferências concentravam-se de forma bastante significativa na família. Mas o Papa Paulo VI optou por um tema que tivesse caráter globalizante, e que poderia ser apresentado diante de toda a Igreja como um horizonte de sua própria identidade. Cf. CAMACHO, Ildefonso. *A doutrina social da Igreja: Abordagem histórica*. São Paulo, 1995, p. 382.

²⁰ A primeira reunião do conselho de preparação para o Sínodo de 1974 se deu na convocação do Papa Paulo VI para as etapas de preparação do *Lineamenta*, nos meses de fevereiro a março de 1972, como veremos mais à frente. A preparação desse novo sínodo terá início, como vinha sendo costume, com o envio de um documento de consulta a todos os episcopados (maio de 1973), concebido como mero material de estudo. Desde o preâmbulo desse texto, apresenta-se uma ampla concepção da evangelização, que não se reduz à pregação da mensagem aos que não têm fé, mas que se estende a toda a atividade mediante a qual é proclamado e explicado o evangelho para a conversão dos não cristãos e para alimentar a fé dos cristãos. No mais, o texto também segue o esquema do método ver-julgar-agir. Ibidem, p. 383.

problemas ou a condição cultural de nosso tempo, que é a vida do mundo de hoje; assuntos alegados pelas Conferências Episcopais).²¹

O texto acima nos mostra a nítida preocupação, na preparação para o Sínodo Sobre a Evangelização Contemporânea, com a ação da Igreja na vida da totalidade do mundo. Isso foi assumido desde o Concílio Vaticano II, com a Constituição da Igreja no Mundo,²² a qual tem sido um texto referencial e decisivo para a doutrina da Igreja, por ter introduzido, de maneira marcante e fundamental, um olhar sobre a humanidade no discurso magisterial e na preocupação pastoral da Igreja.

A descoberta das necessidades humanas absorverá a atenção do Sínodo, o que aponta para um novo humanismo, pois, para conhecer Deus, é necessário conhecer o homem e, desse modo, alcançar o fim supremo que transcende todas as realidades humanas.

Com esse espírito, a Igreja conciliar se dispôs a entrar em diálogo, a servir e a ser solidária com a história da humanidade inteira, dirigindo-se a todas as pessoas, enfim, ao mundo com o qual ela quer dialogar, pois, antes de ser o mundo moderno, é “o mundo dos homens, ou seja, a inteira família humana, com todas as realidades no meio das quais vive”,²³ e que é percebido nessa preparação sinodal.

Assim, podemos afirmar a preocupação dos bispos em adentrar as decisões ressaltadas desde o concílio e que agora, numa nova reunião, juntamente com o Sumo Pontífice, abrem caminho para encontrar soluções.

E essas decisões se classificaram na seguinte temática, assim apresentada pelo Cardeal Gantin:

- *A família*: tema proposto por trinta e quatro Conferências episcopais em relação com outros temas sugeridos: matrimônio, juventude, catequese, vocações, sacramentos, atividades da mulher.
- *Fé-Magistério*: tema muito atual nesta época de ateísmo e secularização, proposto por vinte e oito Conferências episcopais, com relação a outros temas análogos: catequese, diálogo, ecumenismo.
- *Justiça, libertação, progresso e evangelização*, proposto por quatorze Conferências Episcopais em relação com outros como: o leigo, a missão, a Igreja, a política.
- *Juventude*, proposto por doze Conferências Episcopais.

²¹ Cf. GANTIN, Bernardin. “L’Esortazione Apostólica di Paolo VI *Evangelii Nuntiandi*”, op cit., pp. 7-8.

²² GS, 2.

²³ Ibidem

- *Igreja particular e missão*, ambos propostos pelas doze Conferências Episcopais.²⁴

Tais temas a serem refletidos pelo Sínodo mostraram a preocupação da Igreja em dar esperança para a família universal. A temática aponta, em seu bojo, a sutileza dos Padres Sinodais em trazer para o centro da reflexão a corresponsabilidade da família eclesial e humana para assumirem, juntos, na missão evangelizadora da Igreja, as condições de vida do Mundo Contemporâneo.

Esta é, por conseguinte, a missão da Igreja, que, trilhando uma perspectiva escatológica, busca, no Espírito Santo, encontrar caminhos que aproximem essa missão e todos os que são por ela conquistados da salvação oferecida por Deus em seu plano salvífico para toda a sua criação.²⁵

Dentre os temas externos pontuados, informa Gantin que

o Secretário Mons. Rubin propôs que todo membro do Concílio escolhesse seis, enquanto isso, explicando por escrito os diferentes aspectos dos mesmos. Uma pequena comissão composta, entre outros, dos Cardeais Krol e Wojtyla, e dos bispos Cordeiro, Lorscheider, Cahill e Bartoletti, puxou uma lista de sete pontos, os quais ilustravam o Concílio. Deles (Evangelização; família; Fé e Magistério; Igreja particular; Administração eclesiástica e Juventude) vieram a ser rediscutidos de forma acurada e enriquecidos de novas observações e declaração precisa, só foram comunicados dois, por escrito: leigo e vida religiosa.²⁶

Por fim, os temas para a reflexão sinodal confirmam o que hora ressaltamos acerca da missão da Igreja. Os próprios bispos perceberam esta próxima relação com a reflexão da Igreja conciliar para a sua missão evangelizadora do Mundo Contemporâneo.

Na audiência de 27 de outubro, o Cardeal Gantin, recorrendo a Caprile, diz: “Paulo VI estava satisfeito, juntamente com os Padres, de seus trabalhos prontos para sugestões de data”.²⁷ Portanto, seria aos 12 de fevereiro de 1973 a escolha do tema pelo Santo Padre e a ser tratado na Assembléia Sinodal de 1974, como: “*De*

²⁴ Cf. GANTIN, Bernardin. “L’Esortazione Apostólica di Paolo VI *Evangelii Nuntiandi*”, loc. cit., p. 8.

²⁵ “É assim que age o Espírito Santo no meio de seu povo: dando impulso vital, abrindo o tesouro da graça que jorra de Cristo, enquanto comunicação viva de sua glória, que prepara, reforça e confirma a glorificação definitiva da humanidade em caminho [...] Esta glória passou antes pelo mistério da vida-paixão-morte, condição necessária, segundo o propósito de Deus Pai, para a redenção de toda a humanidade”. Cf. BOFF, Lina. “Índole Escatológica da Igreja Peregrinante”. In. *Atualidade Teológica*, art. cit., p. 18.

²⁶ Cf. GANTIN, Bernardin. “L’Esortazione Apostólica di Paolo VI *Evangelii Nuntiandi*”, loc. cit., p. 7.

²⁷ Cf. CAPRILE, G. “Il Sinodo dei Vescovi de 1974”, op cit., p. 50s.

evangelizatione mundi huius temporis” (Da Evangelização do Mundo Contemporâneo). O então Secretário Geral, Mons. Rubin, veio trazer as notícias aos bispos e, por conseguinte, às suas dioceses,²⁸ transmitindo um exemplar da carta de 3 de fevereiro, assinado pelo Cardeal Villot, Secretário de Estado que comunicou ao Secretário Geral, como nos informa Caprile:

examinou as propostas acerca da data de convocação da próxima Assembléia Ordinária do Sínodo. Após ter considerado a tudo, estabeleceu 'o retorno', que foi fixado para 1974, deixando para a mesma Assembléia estabelecer que período haveria de vir a adotar em seguida.²⁹

Nota-se o valor dado pelo Pontífice à autoridade do Sínodo dos Bispos, dando-lhe plena liberdade na execução dos trabalhos, mas, ao mesmo tempo, o Pontífice, como bispo que é, coloca-se juntamente no processo.

Ainda continua Caprile:

A circular assim enumerou os motivos da escolha: este assunto da evangelização toca de perto as sérias dificuldades nas quais entrou a Igreja para levar a cabo sua própria missão, devido às mudanças múltiplas e rápidas que penetram a sociedade civil e a mesma Igreja; daqui é puxada a necessidade de conferir por ver como, neste novo mundo em transformação e nas presentes circunstâncias, essa deva levar a cabo sua missão salvífica de anunciar o Evangelho.³⁰

Percebemos que a Igreja se sente consciente de ser sinal de salvação, o que lhe impõe uma atitude de purificação e de autoanálise. Mas também percebe o rápido movimento das mudanças que se passam no mundo, e nota que é necessário acompanhá-las, não fugindo da atualização de sua missão; ela “é convidada a interrogar-se sobre sua renovação para assumir, com novo impulso, essa missão evangelizadora.”³¹ O Cardeal Gantin, em seu colóquio, continua a informar acerca das programações até ao Sínodo de 1974: “Seguiram-no diferentes etapas redacionais do documento, que tem por finalidade apresentar brevemente o Estado da Questão ou *"Lineamenta"* (fevereiro-março de 1972); a

²⁸ Cf. GANTIN, Bernardin. “L’Esortazione Apostólica di Paolo VI *Evangelii Nuntiandi*”, op cit., p. 9.

²⁹ Cf. CAPRILE, G. “Il Sinodo dei Vescovi de 1974”, op cit., p. 53.

³⁰ Ibidem., p. 54.

³¹ Cf. DOCUMENTOS DE PAULO VI. Carta Encíclica do Papa Paulo VI, *Ecclesiam Suam*, op. cit., nn. 7. 10. 11. E ainda, Cf. JOÃO PAULO II. Carta Apostólica *Novo Millenio Ineunte* (No Início do Novo Milênio), São Paulo, 2001, p. 5.

terceira reunião do Conselho (20-24 de março de 1973) e, na quarta reunião, a última redação do "*Lineamenta*" (maio de 1973).”³²

O Sínodo foi, portanto, representado em suas etapas de preparação no mundo inteiro: da Europa à Ásia; da África a Madagascar; da América do Norte à América Latina; da preparação do Sínodo na Itália para os organismos da Cúria Romana; das outras contribuições para a preparação, para a colaboração ecumênica e para atraí-los para o Sínodo.

Não há dúvida da inusitada conquista do Sínodo e do Papa Paulo VI, o que de antemão se torna, desde então, grande projeto de evangelização universal.

Desde, então seguiu a próxima “preparação”: prospecto das respostas alcançadas, quarta reunião do Conselho; definitiva redação e envio do *Instrumentum Laboris* (Instrumento de Trabalho), preparação do “panorama”, atividade da Secretaria Geral; atividade do Secretário Geral; e nomeações, os empregados para a Secretaria Geral; os membros do Sínodo, a chegada dos Padres a Roma; lista dos outros participantes do Sínodo: 13 das Igrejas Orientais; 145 de 98 Conferências Episcopais (África, 34 delegados de 30 Conferências Episcopais; América, 44 delegados de 24 Conferências Episcopais; Ásia, 22 delegados de 16 Conferências Episcopais; Austrália e Oceania, 5 delegados de 4 Conferências Episcopais; Europa, 40 delegados de 24 Conferências Episcopais; e, por fim, 10 Superiores Maiores, 17 Cardeais da cúria, um Secretário Geral, 23 Sócios de nomeação pontifícia).

Partindo de tais articulações do Magistério Pontifício em sua disposição e denodo em compartilhar as situações diversas do Mundo Contemporâneo – aqui retratadas em suas Conferências Episcopais – bem como da necessidade de se organizarem para melhor anunciar o Evangelho, o Sínodo dos Bispos aconteceu.

4.1.3 - O Sínodo de 1974 - Evangelização no Mundo de Hoje

O que recolhemos e apontamos acerca do Sínodo de 1974 tem sido fruto do “I Colóquio Internacional de Estudos sobre a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*”, pois as conclusões do Sínodo são, na verdade, os temas expressos nessa exortação e, neste estudo em questão, é apresentado todo o processo

³² Cf. GANTIN, Bernardin. “L’Esortazione Apostolica di Paolo VI *Evangelii Nuntiandi*”. loc. cit., p. 9.

decorrente da Assembleia Sinodal que hora expomos. Desse modo, conhecendo o Sínodo, conhecemos a *Evangelii Nuntiandi*.

4.1.3.1 – Seu itinerário

A Capela Sistina foi o cenário da concelebração de abertura. “Era o dia 27 de setembro de 1974 – destaca-se a homilia em latim do Papa Paulo VI, a qual se deu em forma de oração,”³³ como nos informa Gantin. E, para começar os estudos e as discussões ao redor da temática da evangelização no mundo contemporâneo, iniciou o Papa Paulo VI, em oração, sua homilia de abertura da Assembleia sinodal;

seríamos tentados a analisar imediatamente as necessidades espirituais deste mundo, a possibilidade de o apostolado buscar os métodos de ajuste para assegurar uma presença mais vigorosa da Igreja. Tu és a causa histórica, a causa eficiente e transcendente deste fenômeno prodigioso: o apostolado, de Vós, o Mestre; de Vós, o Salvador; de Vós, o Princípio e Modelo; de Vós, o Pontífice e Hóstia da salvação da humanidade, veio de Vós, de Vós foi conferido aos discípulos escolhidos, de Vós chamados Apóstolos e de vossos Apóstolos, a nós, bispos, com sucessão irrompível, localizou. Sua Palavra como chama que é, propagada pelo tempo e nas estações da história, localize logo a nós, doce e obrigatória, sempre viva, sempre nova, sempre atual [...].³⁴

Vinte e cinco foram as Congregações Gerais (da tarde de 27 de setembro a 26 de outubro). Para a Vigésima Congregação Geral, coube ao Cardeal Wojtyła fazer a leitura, alternadamente com o Cardeal Cordeiro, do texto: “*De evangelizatione mundi huius temporis*” (Da evangelização do mundo contemporâneo). Ao futuro papa João Paulo II, coube, pela precisão, ler a primeira e a terceira parte. E, na Alocução Conclusiva de 26 de outubro, o Papa apresenta um resumo dos trabalhos sinodais, ressaltando a experiência positiva listada nos seguintes motivos:

- a) “Os Bispos demonstraram-se atentos ao indispensável dever de absolver o mandato apostólico que lhes foi confiado, o qual é anunciar Jesus Cristo

³³ Cf. GANTIN, Bernardin. “L’Esortazione Apostólica di Paolo VI *Evangelii Nuntiandi*”. loc. cit., p. 9.

³⁴ PAPA PAULO VI. “Homilia na Santa Missa de abertura da Assembléia geral do Sínodo dos Bispos” – 27/09/1974. in: *Insegnamenti di Paolo VI*, XII (1974), Vaticano, 1975, p. 972.

Crucificado (Cf. 1Cor 1,23; 2,2); e da urgência, também, em querer conhecer as necessidades do mundo”.

b) “É clarificada a relação de distinção, de integração e de subordinação da promoção humana em comparação à evangelização do mistério de Cristo, que implica o conhecimento da Trindade, a participação da natureza divina, a salvação eterna do mundo presente e futuro”.

c) “É sublinhada a responsabilidade da evangelização, confiada por Cristo aos Apóstolos, e agora aos seus sucessores [...]. A eles os são associados, à frente e subordinados colaboradores, os padres; os religiosos e os leigos, dentre as pessoas jovens e, de modo particular, seus pais, são responsáveis pela evangelização”.

d) “A relação foi inculcada entre a evangelização e a formação dos assuntos, enquanto insistindo na necessidade e importância da preparação espiritual e doutrinal, e de uma vida realmente cristã em coerência com a mensagem evangélica, para dar crédito a isto e não fixar obstáculos à adesão dos não crentes”.

e) “É manifestado o respeito unânime pelos valores humanos e religiosos existentes nas religiões não cristãs e nas confissões não católicas, com a devida valorização dos mesmos, na oportunidade de integrá-los no objetivo da evangelização e na pregação, confirmando, em tempo igual, a necessidade para manter a pureza e a unidade da fé católica e da doutrina eclesial”.

f) “É visto que, na Igreja de Cristo que subsiste na Igreja católica, estão juntos objeto e sujeito da evangelização. Também, além disso, enquanto agradando a Deus, a iluminação do Verbo de Deus, bem como a integridade da Mensagem Evangélica, com a inteira mediação da salvação envolvendo: sacramentos, liturgia, explicitação plena, sem erros, do Evangelho de Cristo – o mesmo se dá na Igreja católica hierárquica que está em comunhão com o

Sumo Pontífice, o Sucessor de Pedro, perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade dos bispos e dos crentes”.

g) “Conclui-se que as Igrejas locais são juntamente responsáveis pela missão evangelizadora, em comunhão com a Igreja universal, que desde a Igreja inteira está em estado de missão; é missionária”.

h) “É apontada, com clareza, a ação do Espírito Santo no trabalho da evangelização, porque é Ele a “alma da Igreja”, a difusão da graça e da caridade nos corações dos crentes e, em especial, dos Apóstolos, dos Bispos e dos Padres”.³⁵

Certamente, esses grandes motivos de reflexão orientaram, positivamente, essa Assembleia Episcopal.

O Papa Paulo VI, afirmou com estes motivos, os pontos fortes e também alguns apontados como fracos e precisos, tais como oportuno e legítimo, é o que completa Gantin citando Caprile.³⁶

Vimos, portanto, que o Sínodo de 1974 ressaltou a importância de evangelizar a partir da vida toda de Cristo, de seu anúncio, e de sua morte e ressurreição, conhecendo a necessidade do mundo a partir do mandato do Senhor aos Apóstolos e, agora a seus sucessores.

Concluindo

Concluimos esta primeira “parte histórica” notando a grande intuição do Papa Paulo VI, não só na vida dada para o Sínodo da Igreja Católica, mas também para o grande tema da “Evangelização do Mundo Contemporâneo”, um tema que continua a empenhar-se em tudo no anúncio, na missão e no testemunho.

Esse processo de revisão que realizamos não teve por objetivo ressaltar, ainda, a temática escatológica da evangelização, razão fundamental nesta pesquisa, o que se dará no capítulo seguinte. Contudo, ela não seria percebida sem o conjunto de todo o processo realizado, com o tema da evangelização trazendo

³⁵ Cf. GANTIN, Bernardin. “L’Esortazione Apostólica di Paolo VI *Evangelii Nuntiandi*”. op cit., p. 11.

³⁶ Ibidem, loc. cit., p. 12.

em seu transfundo um anúncio escatológico, quando se busca o anúncio do “Evangelho”, isto é, tornar conhecido Jesus e, ainda, o Reino e a Salvação por Ele anunciados.

Este tem sido, portanto, o processo desde o Concílio Vaticano II, quando a Igreja se viu na contingência de rever sua própria vocação e missão. Desde as decisões do Concílio às do Sínodo de 74, é a *Evangelii Nuntiandi* que afirmará para a missão evangelizadora da Igreja um novo caminho pastoral, a necessária dimensão escatológica, mas que se encontra já em nosso meio.

Na mesma linha de compreensão do Sínodo dos Bispos de 1974, aprofundaremos o conteúdo da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, o que nos ajudará a melhor compreendê-la.

4.2 - A *Evangelii Nuntiandi* e seu Conteúdo.

Propomos, agora, constatar que, no começo da parte que retrata o conteúdo da *Evangelii Nuntiandi* – o que se deu um ano após a conclusão do Sínodo de 74, quando o Papa Paulo VI publicava, por conclusão do mesmo, a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* – são referidos três problemas candentes, que “o Sínodo de 1974 teve constantemente, diante dos olhos”.

- a. “- O que é que é feito, em nossos dias, daquela energia escondida da Boa Nova, suscetível de impressionar profundamente a consciência dos homens?”.
- b. “- Até que ponto e como é que essa força evangélica está em condições de transformar verdadeiramente o homem deste nosso século?”.
- c. “- Quais os métodos que hão de ser seguidos para proclamar o Evangelho de molde a sua potência possa ser eficaz?”³⁷

O ponto de partida da reflexão do Papa Paulo VI é o Concílio Vaticano II: “[...] depois do Concílio e graças ao Concílio, que foi para a Igreja uma hora de Deus nesta viragem da história, encontrar-se-á a Igreja mais apta para anunciar o

³⁷ EN, 4.

Evangelho e para inserir no coração dos homens, com convicção, liberdade de espírito e eficácia?”.³⁸

A essa pergunta de fundo, o Papa Paulo VI oferece, com a *Evangelii Nuntiandi*, “uma resposta leal, humilde, corajosa” e, por conseguinte, missionária para toda a Igreja.³⁹

4.2.1 – A ordenação dada aos capítulos da *Evangelii Nuntiandi*

É interessante que notemos a ordem dada pelo Papa Paulo VI aos capítulos de sua exortação, pois estão organizados de forma bastante precisa. São sete densos capítulos, por meio dos quais se fala com a Igreja e o Mundo Contemporâneo.

As reflexões cristológicas, eclesiológicas e pastorais discorrem, como nunca, nesta exortação apostólica, que lista 82 pontos de análise, de reflexão, de meditação, de orientação e de ação; e todas apontam, em sua essência, o desejo em anunciar a salvação aos homens de hoje.

Assim: “Introdução” (nn. 1-5); “De Cristo Evangelizador a uma Igreja Evangelizadora” (I. nn. 6-16); o papa se pergunta: “Que coisa significa evangelizar?” (II. nn. 17-24); e então: “O conteúdo da evangelização” (III. nn. 25-39); “As vias da evangelização” (IV. nn. 40-48); “Os destinatários da evangelização” (V. nn. 49-58); “Os obreiros da evangelização” (VI. nn. 59-73); “O Espírito da evangelização” (VII. nn. 74-80); “Conclusão” (nn. 81-82).

No Capítulo I - “De Cristo Evangelizador a uma Igreja Evangelizadora” (I. nn. 6-16), o Papa Paulo VI nos aponta que Jesus é o primeiro evangelizador em seu anúncio do Reino de Deus, que é “um anúncio de salvação”. Reino e salvação são “palavras-chave da evangelização de Jesus Cristo”, como escreve o Papa Paulo VI:

todos os homens podem os receber como graça e misericórdia e, no entanto cada um deles deve, ao mesmo tempo, os conquistar com a força [...] com o trabalho e o sofrimento, com uma vida de acordo com o Evangelho, com a renúncia e a cruz, com o espírito das beatitudes. Mas, primeiro de tudo, cada um os conquista por uma total transformação no seu interior que o Evangelho designa com a palavra

³⁸ Ibidem

³⁹ EN, 5.

"metanoia", isto é, uma conversão radical, uma mudança profunda da mente e do coração.⁴⁰

O Papa Paulo VI fala da “pregação incansável de Jesus”,⁴¹ acompanhado pelos “sinais” e “aqueles que acolhem com sinceridade a Boa Nova, em virtude desse acolhimento e da fé compartilhada, reúnem-se, portanto, em nome de Jesus para, conjuntamente, buscarem o Reino, para edificá-lo e para o viver”.⁴²

No Capítulo II – “A evangelização é a vocação própria da Igreja”,⁴³ afirma o Papa Paulo VI existir “uma ligação profunda entre Cristo, a Igreja e a evangelização. Durante este tempo da Igreja, é ela que tem a tarefa de evangelizar. E essa tarefa não se realiza sem ela, e menos ainda, contra ela”.⁴⁴ A respeito disso, o Papa especifica um modo emergente para pensar que isto traz dor e desorientação: “Convém recordar” – nota o Papa – “[...] as pessoas dizem crer, que bem intencionadas, mas certamente desorientadas no seu espírito, e repetem que desejam amar a Cristo, mas sem a Igreja; ser de Cristo, mas fora da Igreja”. O absurdo de semelhante dicotomia aparece com nitidez nesta palavra do Evangelho: “Quem vos rejeita é a mim que rejeita” (Lc 10,16). E como se poderia querer amar Cristo sem amar a Igreja, uma vez que o mais belo testemunho dado de Cristo é o que São Paulo exarou nestes termos: “Ele amou a Igreja e entregou-se a si mesmo por ela” (Ef 5, 25).

São palavras àqueles que se fecharam numa crescente opinião e hão de iluminar as dúvidas, bem como às pessoas que viveram e vivem na procura da verdade, que as traz à salvação.

Esses conteúdos teológicos e eclesiológicos da Exortação Apostólica têm mudado o modo de pensar e agir da Igreja do século XX.

No Capítulo III, O Papa Paulo VI tornou a falar da **evangelização das culturas**⁴⁵ **e da verdadeira “libertação” do homem** da situação que os condena a ficarem à margem da vida: “carestia, doenças crônicas e endêmicas,

⁴⁰ EN, 10

⁴¹ EN, 11

⁴² EN, 13

⁴³ EN, 14

⁴⁴ EN, 16

⁴⁵ EN, 20

analfabetismo, pauperismo, injustiças nas relações internacionais e especialmente nos intercâmbios comerciais, situações de neo-colonialismo econômico e cultural, por vezes tão cruel como o velho colonialismo político”.⁴⁶

Recordava o Papa, citando os bispos e padres sinodais:

A Igreja - [...] tem dever de anunciar a libertação de milhões de seres humanos, sendo muitos destes seus filhos espirituais; o dever de ajudar uma tal libertação nos seus começos, de dar testemunho em favor dela e de envidar esforços para que ela chegue ao que é total. Isso não é alheio à evangelização.⁴⁷

Com palavras corajosas, proféticas e medidas, o Papa Paulo VI desafia o mundo sabiamente, mesmo sendo mal entendido por alguns, ao pensar no futuro, e falar do futuro. Só de espíritos nobres como o do Papa Paulo VI o mundo pode receber certas respostas para dar esperança a um futuro novo.

No Capítulo IV, exaustivo e corajoso tem sido o discurso do Papa com relação à “**evangelização e promoção humana**”.⁴⁸ A temática o adverte, deve ser levada adiante, sem reduzi-la a nenhuma ambiguidade.⁴⁹ A libertação evangélica encontra sua base no Reino de Deus, exige uma conversão necessária e exclui toda violência (trata-se de superar desejos pessoais para dar lugar ao Reino, que é para todos). A Igreja tem que dar contribuição específica a esse respeito.⁵⁰ Continua o Papa Paulo VI:

A justa libertação, ligada à evangelização [...] visa alcançar o estabelecimento de estruturas que salvaguardem as liberdades humanas, não pode ser separada a necessidade de garantir todos os direitos fundamentais do homem, entre os quais a liberdade religiosa ocupa um lugar de primária importância.⁵¹

O Papa nota que a aflição é a atração daquele regime totalitário que sistematicamente “oprime” e “sufoca” os direitos da liberdade de religião de milhares de cristãos e católicos.

⁴⁶ EN, 30

⁴⁷ EN, 30

⁴⁸ EN, 31

⁴⁹ EN, 32

⁵⁰ EN, dos números 33 a 38.

⁵¹ EN, 39

No **Capítulo V**, o discurso do Papa Paulo VI introduz, então, os espaços, as “vias” e “os meios de evangelização”, testemunha de uma autêntica vida Cristã, liturgia da Palavra, catequese, o uso da massa-mídia, contato pessoal, papel dos sacramentos, piedade popular.⁵² Estes, o Papa Paulo VI adverte, são “algumas vias que, para uma região ou para outra, têm uma importância fundamental”.⁵³

No **Capítulo VI**, “Destinatários da evangelização” e “Operários da evangelização” são dois títulos das partes quinta e sexta. Retoma temas familiares debatidos e intenções do Concílio Vaticano II: destinação universal apesar dos obstáculos; anúncio aos distantes e para os descristianizados, aos não cristãos, os não crentes, os não praticantes, as massas.⁵⁴ Nesse ponto da Exortação Apostólica, o Papa Paulo VI enfrenta, de modo amplo e completo, a contribuição que “as comunidades eclesiais de base” (Ceb’s) possam e devam dar à causa da evangelização. Também a esse respeito, o Papa Paulo VI mostrou-se aberto e, ao mesmo tempo rigoroso, impondo “certamente condição exigente, mas exaltante.”⁵⁵ Destaquem-se, aqui, algumas idéias do Vaticano II: “Igreja toda inteira missionária”; a evangelização como “ato eclesial” na perspectiva da Igreja universal e da Igreja particular; “adaptação e fidelidade da linguagem”, tarefas diversificadas (do Sucessor dos Apóstolos Pedro, aos Bispos, aos Padres, aos Religiosos, aos Leigos empenhados nas realidades temporais, às famílias, aos jovens) na unidade da mesma missão.⁵⁶

O “colóquio” (assim o chama o Papa Paulo VI ao seguir a temática na qual propõe aos “nossos irmãos e filhos muito amados”,⁵⁷ e aproxima-se de nosso “colóquio”)⁵⁸ conclui-se com uma invocação ao Espírito Santo, porque, repleta de seu conforto, a Igreja cresce e dilata os espaços de caridade, do serviço, do testemunho e do amor.⁵⁹

⁵² EN, dos números 40 a 48.

⁵³ EN, 40

⁵⁴ EN, dos números 49 a 57.

⁵⁵ EN, 58

⁵⁶ EN, do número 59 até 73

⁵⁷ EN, 74

⁵⁸ Cf. GANTIN, Bernardin. “L’Esortazione Apostólica di Paolo VI *Evangelii Nuntiandi*”, op cit., p. 15.

⁵⁹ EN, 75

Quanto aos evangelizadores, irá concluir o Papa Paulo VI que são “Testemunhas Autênticas;”⁶⁰ “Artífices da Unidade;”⁶¹ “Servidores da Verdade;”⁶² “Animados pelo Amor;”⁶³ “Com o fervor dos Santos.”⁶⁴

É essa Exortação Apostólica que se dá, com a “entrega do Ano Santo.”⁶⁵

No Capítulo VII, o Papa exorta “os verdadeiros evangelizadores a mostrarem-se dignos da própria vocação, a exercitarem-se sem reticências e a não descurarem as condições que hão de tornar essa evangelização, não apenas possível, mas também ativa e frutuosa”.⁶⁶ A “Maria Estrela da Evangelização”, que, na “manhã de Pentecostes, presidiu na prece ao iniciar-se da evangelização, sob a ação do Espírito Santo”, o Papa Paulo VI confia a Igreja: “que seja ela a Estrela da Evangelização sempre renovada, que a Igreja, obediente ao mandato do Senhor, deve promover e realizar, sobretudo nestes tempos difíceis, mas cheios de esperanças.”⁶⁷

Retomando os tempos difíceis, basta pensar nos países torturados da terra africana: da Ruanda ao Burundi e ao território da ex-Iugoslávia – terras que precisam de uma “Nova Evangelização”. Retomando, porém, os dias cheios de esperança.

4.3 - Recepção da *Evangelii Nuntiandi*.

Passamos, agora, para a terceira parte de nossa relação com a *Evangelii Nuntiandi*: sua recepção ou acolhida.

Só em enfrentar esses amplos e vastos capítulos da *Evangelii Nuntiandi*, podemos ver também que serão outros a oferecer um panorama desse projeto que há mais de três décadas continua sensibilizando o universo eclesial.

Interessa-nos, aqui, introduzir alguns passos da reflexão desta Exortação Apostólica que tem envolvido a Igreja inteira a examinar-se por dentro e por fora, verificando seus métodos, seu programa, seus projetos imediatos e futuros.

⁶⁰ EN, 76

⁶¹ EN, 77

⁶² EN, 78

⁶³ EN, 79

⁶⁴ EN, 80

⁶⁵ EN, 81

⁶⁶ EN, 74

⁶⁷ EN, 82

As Igrejas particulares, seguindo a *Evangelii Nuntiandi*, têm percebido as urgências da evangelização para a promoção humana, e para os sacramentos, para o testemunho da caridade e da solidariedade.⁶⁸

Basta fazer um passeio ou com o olhar percorrer a Igreja que está em Roma, que desde o ano de 1976 iniciava suas mudanças, desde a Cúria e seu governo da Igreja em Roma,⁶⁹ para vermos a origem das diversas mudanças, nos estudos, de análise, de comparações, de experiências eclesiais, de documentos, de projetos etc.

Da Itália passamos para os demais países da Europa: para o Sínodo desejado pelo Papa João Paulo II, que acompanhou, em sua globalidade cósmica, a ânsia evangelizadora do Papa Paulo VI. A Assembléia Especial para a Europa do Sínodo dos Bispos foi anunciada em 22 de abril de 1990, em Velehrad, na Morávia⁷⁰: “Quanto tem acontecido nos últimos anos e de modo especial nos últimos meses no continente europeu” – relembra o Papa João Paulo II, na Europa Central e Oriental, visto aqui como “uma volta histórica nesta dificuldade do nosso século”.⁷¹ O Papa João Paulo II dirá no dia da abertura do Sínodo na Europa (28 de novembro de 1991): “Neste momento histórico tão decisivo, possa o Sínodo mobilizar as mentes para uma Nova Evangelização da Europa”.⁷² E, no dia da conclusão (13 de dezembro de 1991), o Papa fala de “Sínodo da liberdade e do testemunho, no nome de Cristo, que nos impulsiona a concluirmos hoje para começar novamente”.⁷³ A Europa cristã vive, caminha e dialoga, sob o impulso da Nova Evangelização, como fruto da *Evangelii Nuntiandi*.

Como Nova Evangelização, também será para a América Latina. Durante o mês de julho de 1995, por cerca de um mês o tema é retomado na América Latina e em Cuba, quando, mais uma vez, toca-se ainda na ânsia missionária e evangelizadora de toda a Igreja que trabalha no Continente da Esperança. Antes,

⁶⁸ Cf. GANTIN, Bernardin. “L’Esortazione Apostólica di Paolo VI *Evangelii Nuntiandi*”, op cit., p. 18.

⁶⁹ Ibidem, p. 16.

⁷⁰ PAPA JOÃO PAULO II, Sínodo dos Bispos para a Europa. Disponível em: <<http://www.agencia.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.asp?id_entrada=1810>>. Acessado em 7 de abril de 2008. O endereço eletrônico acima nos informa que o Papa João Paulo II, buscou utilizar-se dos Sínodos dos Bispos para melhor organizar e orientar a missão evangelizadora da Igreja.

⁷¹ Cf. GANTIN, Bernardin. “L’Esortazione Apostólica di Paolo VI *Evangelii Nuntiandi*”, op cit., p. 17.

⁷² Ibidem. O Papa João Paulo II aponta a necessidade de uma Nova Evangelização para a Europa, quando busca o reencontro das duas tradições, Ocidental e Oriental da Igreja européia.

⁷³ Cf. GANTIN, Bernardin. “L’Esortazione Apostólica di Paolo VI *Evangelii Nuntiandi*”, op cit., p. 17.

ainda, o Papa João Paulo II se dirigiu, em 19 de maio, à Assembleia do CELAM no Haiti, onde falou de uma evangelização que deveria ser “nova no seu ardor, no seu método e na sua expressão?”.⁷⁴

Como Nova Evangelização (10 de abril a 8 de maio de 1994, Sínodo dos Bispos para a África) e entrega da Exortação Apostólica para a Igreja da África; o Papa João Paulo II lembra, quando recente viagem, para a qual terá o presente e a graça, em mais uma vez, participar do Sínodo para a Ásia e América, numa missão evangelizadora, até a realização do Jubileu do ano 2000, como pensava seu antecessor, o Papa Paulo VI.⁷⁵

A Igreja inteira dá graças ao Papa Paulo VI e ao Papa João Paulo II, o intérprete fiel do ansioso Papa evangelizador do Concílio, pelo estado permanente de evangelização do mundo.

Desse modo, com essa tensão missionária permanente, podemos renovar nossa esperança, o que torna certo o avanço a Cristo em nosso futuro.

4.3.1 - *Evangelii Nuntiandi*, um dom acolhido e difundido

Seguimos com a relevância dada a Exortação Apostólica do Papa Paulo VI, ressaltando sua relação com alguns outros documentos do magistério, percebendo ser a *Evangelii Nuntiandi* um divisor de águas para os novos documentos e realizações nas programações eclesiais.

Podemos dizer que não surgiu documento do magistério pontifício, ao menos nos 30 anos pós-conciliares do Vaticano II, que foi mais relevante e que tenha tido a mais intensa e extensa repercussão na Igreja da América Latina que a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, como diz Guzmán Carriquiry Lecour: “Foi um dom acolhido e difundido”.⁷⁶ Não se trata, certamente, de uma opinião

⁷⁴ Ibidem. A expressão “nova evangelização”, dita pela primeira vez na Polônia (homilia no Santuário de Santa Cruz, em Mogila, 9 de junho de 1979), aparece como uma intuição de João Paulo II no discurso à XIX Assembléia Plenária da CELAM (Conferência Episcopal Latino Americana) no Haiti em 1983. Nesse país, o mais pobre da América Latina e no qual se iniciou a evangelização há 500 anos, o Papa referiu: “A comemoração de meio milênio de evangelização terá o seu significado pleno se for um compromisso vosso como bispos, juntamente com o vosso presbitério e fiéis: compromisso não de re-evangelização, mas de uma nova evangelização. Nova no seu ardor, nos seus métodos, e na sua expressão”.

⁷⁵ Cf. PAPA JOÃO PAULO II. Carta apostólica *Tertio Millennio Adveniente*. Ao Episcopado, ao Clero e aos Fiéis. Sobre a Preparação para o Jubileu do Ano 2000, São Paulo, 2001, n. 38.

⁷⁶ CARRIQUIRY, Guzmán. “La Exhortación Apostólica *Evangelii Nuntiandi* en la Iglesia en América Latina: Significación y repercusiones”. In: *Colloquio Internazionale di Studio sobre L'Esortazione Apostólica di Paolo VI “Evangelii Nuntiandi”*. Storia, contenuti, ricezione. Brescia: Studium-Roma (Pubblicazione dell'Istituto Paolo VI, 19), 1998, pp. 259-277. O doutor Guzmán

venturosa ou de uma comparação de valor, diz Carriquiry, mas um dado objetivo,⁷⁷ que sem dúvida pode ser confirmado pelos principais protagonistas e testemunhas que são os mesmos bispos latino-americanos.

Germán Doig Klinge se preocupou em elencar as inúmeras menções de textos eclesiais que aparecem nas Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano na relação com a *Evangelii Nuntiandi*. Para o nosso caso, interessam, aqui, os dados desde Medellín a Santo Domingo,⁷⁸ cujo resultado ressaltamos em nosso estudo.

Os documentos de Medellín são mais prolíficos em menções; em abundância a *Gaudium et Spes* (47 vezes), a *Sacrosanctum Concilium* (41 vezes), a *Lumen Gentium* (36 vezes) e, em geral, outros documentos do Concílio Vaticano II. Não em vão, o tema da Conferência tem sido: “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Vaticano II”. Dos textos pontifícios, os mais citados são os do Papa Paulo VI (11 vezes).

O Documento de Puebla aponta o recorde da *Evangelii Nuntiandi*, com mais de 103 citações (GS, 53; LG, 44; Discurso de abertura de João Paulo II, 43).

Poderia ser aliviado o impacto dessa cifra de citações, destacando a continuidade cronológica e temática da *Evangelii Nuntiandi* e de Puebla, cujo tema foi “A evangelização no presente e no futuro da América Latina”. Porém, se abalizarmos também as estatísticas de citações no documento final da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Santo Domingo (1992), adverte-se que a *Evangelii Nuntiandi* continua resistindo no lugar de referência

Miguel Carriquiry Lecour, é egresso da Universidade da República Oriental do Uruguai, dos cursos de Direito e Ciências Sociais, sendo diplomado como «Doutor em Direito e Ciências Sociais». Teve diversas responsabilidades na Santa Sé, participou como especialista «auditor» em quatro Assembleias do Sínodo Mundial de Bispos, por respectivas designações do Papa Paulo VI e do Papa João Paulo II (1974, 1980, 1987, 1997). Atualmente assume o cargo de Subsecretário do Conselho Pontifício para os Leigos.

⁷⁷ Ibidem, p. 257.

⁷⁸ KLINGE, Germán Doig. *De Rio a Santo Domingo*, Lima, 1993, pp. 95-146. Germán Doig Klinge, quem foi, até seu trânsito em 2001, Vigário Geral do *Sodalitium Christianae Vitae* e Coordenador Geral do Movimento de Vida Cristã. Germán Doig foi considerado o maior especialista latino-americano sobre as quatro Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano. Seus livros sobre esse tema e seus artigos são recursos fundamentais para quem realmente quer compreender o processo histórico da Igreja na América Latina nas últimas cinco décadas. São elencadas por esse autor, as inúmeras citações da *Evangelii Nuntiandi* em textos eclesiais; sobretudo, nas Conferências Episcopais Latino-americanas desde o Rio de Janeiro até Santo Domingo. O livro em questão foi publicado originalmente em 1993, e dado suas iluminadoras reflexões, foi reeditado nesta ocasião, como a primeira obra da coleção “Quinta Conferência – Análise”, que o CELAM publicou como preparação para a V Conferência do Episcopado Latino-americano que se realizou em Aparecida.

para todo aquele que concerne à missão evangelizadora da Igreja. É citada 17 vezes, só superada pelas 40 vezes do discurso inaugural do Papa João Paulo II e as 20 vezes da Encíclica *Redemptoris Missio* (são muito mais escassas as citações de outras numerosas Encíclicas, Exortações Apostólicas e mensagens pontifícias).

4.3.2 - *Evangelii Nuntiandi*, Uma passagem decisiva

A relevância e o influxo da exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* na América Latina, portanto, é compreendida, mais profundamente, dentro e à luz do processo de renovação conciliar da Igreja nas condições e circunstâncias concretas deste continente da esperança.

“A uma década do Concílio Vaticano II”, informava Carriquiry ter conhecido um “afiado escritor latino-americano,⁷⁹ que apresentava todos os sinais de abertura numa segunda etapa pós-conciliar [...]”.⁸⁰ Segundo ele, a “nova passagem”, isto é, a comprovação das mudanças conciliares se situa convencionalmente por volta de 1975. Trata-se de “um momento que evidencia o núcleo central das reformas conciliares”, advertia Methol,⁸¹ e a “normalidade eclesial” é um momento de assentamento, a Igreja deixa de estar num “estado febril” e seu andar vai recobrando nova coerência, como afirma. “Diríamos que a primeira etapa foi de rotulação para dar lugar à remoção crítica e implantar as mudanças; a segunda parece ter o sossego de novo amadurecimento, com uma crescente vontade arquitetônica,”⁸² conclui.

Portanto, podemos notar que, o caráter de mudanças fixou para esses sinais de abertura de uma segunda fase conciliar, coincidindo com as realizações do Ano Santo, o Terceiro Sínodo dos Bispos e, sobretudo, com a publicação da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* do Papa Paulo VI.

Não se entende bem o efeito desse momento fundamental de passagem para a Igreja da América Latina sem ter presente a intensidade e densidade críticas,

⁷⁹ METHOL FERRÉ, Alberto. “Marco histórico de la religiosidad popular”. In. Iglesia y Religiosidad popular em América Latina, Secretariado General, CELAM, Bogotá, n.º. 29, 1997, p.46. O autor em questão é natural de Montevideo, Uruguai. Formado em Direito, Filosofia e Teologia. Foi Secretário do Departamento de Leigos e logo membro da Equipe Teológica-Pastoral do CELAM desde 1974 até 1992. Em seguida foi membro do Conselho Pontifício Para os Leigos nos períodos de 1980-84.

⁸⁰ CARRIQUIRY, Guzmán Lecour. “La Exhortación Apostólica *Evangelii Nuntiandi* en la Iglesia en América Latina: Significación y repercusiones”, art. cit., p. 260.

⁸¹ METHOL FERRÉ, Alberto. “Marco histórico de la religiosidad popular”, loc. cit., p. 46.

⁸² Ibidem.

fecundas, tumultuosas, vividas na primeira fase do “Pós-Concílio”, neste continente.

Podemos ressaltar, numa interpretação dessa primeira fase de realização do Concílio na América Latina, o resultado do impacto convergente e a disposição das reformas conciliares provadas em todos os níveis, e o aparecimento da crise latino-americana dos anos 60, inaugurada pela Revolução Cubana.⁸³

Portanto, a "*Evangelii Nuntiandi*" foi, sem dúvida, um grande marco histórico-teológico da evangelização no mundo. É a proclamação do “Verbo de Deus”, de sua Palavra e Gesto; uma realidade em diferentes povos, línguas, raças e nações. Ela evidencia uma Igreja evangelizadora aberta aos sinais dos tempos, às novas expressões da fé, na perspectiva da unidade.

A Evangelização no Mundo Contemporâneo consiste “em levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude e, pelo seu influxo, transformá-la a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade”.⁸⁴ Assim, reforçava o Papa Paulo VI o primeiro passo para a nova evangelização em caráter universal e missionário para toda a Igreja.

Concluindo

O Concílio Vaticano II exigiu para a Igreja inteira uma revisão gigantesca de vida, de todos os aspectos da comunhão e de sua missão. Colocaram em intenso movimento as forças vivas da Igreja, alimentou e difundiu uma “sede de *aggiornamento*”, como uma grande explosão de ar fresco, de vitalidade redescoberta, tempo necessário de conscientizar acerca dos hábitos que ocorriam na pastoral ou o risco de permanecer no passado. Fez surgir, desse modo, nas comunidades cristãs da América Latina, um duplo e intenso movimento – por um lado, de críticas e de fecundidade; por outro, todas as instituições e atividades da Igreja passaram sob o crivo da crítica muitas vezes exigente e enriquecedor. Reformas fecundas num duro período transitório de choques e de confusões, essa dinâmica de mudanças na Igreja coincidiu com sua abertura para os continentes, chamando-os a discernir seus sinais dos tempos e a comprometer-se, cada vez mais, ao serviço do homem e dos povos.

⁸³ CARRIQUIRY, Guzmán Lecour. “EL Concilio en América Latina”, en revista *Nexo*, nº.1, Montevideo, 1983, p.29 e ss.

⁸⁴ Cf. EN, 18.

A *Evangelii Nuntiandi*, com seu estilo sintético, claro, preciso, ausente de retórica eclesial e de desenvolvimento genérico e abstrato, com esquemas ordenadores facilmente compreensíveis e assimiláveis, favoreceu sua ampla difusão e acolhida.⁸⁵ Desse modo, ela prolonga e assume sinteticamente o Concílio Vaticano II.⁸⁶

Portanto, sua maior influência permanecerá nos futuros programas de evangelização da Igreja, pois a Exortação recupera o que é central para a evangelização, o Evangelho. Este, por sua vez, cobra da Igreja e de cada cristão uma abertura fundamental a todas as realidades, povos e culturas que se encontram a nosso redor. Pois, em síntese, quer atingir a finalidade que tem levado a toda mudança que acarretou e acarretará, por toda a nossa peregrinação, o desejo “para que todos sejam um [...] e que Deus seja tudo em todos”.⁸⁷

Realizamos, neste capítulo terceiro, uma referência mais específica da constituição histórica da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, o que nos levou a considerar o momento em que a Igreja Universal se preocupou em retomar sua vocação e missão evangelizadora. Trataremos, no capítulo seguinte, de alguns aspectos essenciais da evangelização que percorrem essa Exortação, dos quais extraímos alguns artigos que ressaltam a dimensão escatológica da evangelização e que são relevantes na atividade pastoral da Igreja hodierna.

⁸⁵ Cf. CARRIQUIRY, Guzmán Lecour. “La Exhortación Apostólica *Evangelii Nuntiandi* En la Iglesia en América Latina: Significación y repercusiones”, art. cit., p. 269.

⁸⁶ METHOL FERRÉ, Alberto. *Puebla: proceso y tensiones*, Buenos Aires, 1979, p. 93.

⁸⁷ Jo 17, 22b.